

É sobretudo no século XX que antropólogos e etnólogos a divulgam em recolhas mais ou menos eruditas e que autores como Alberty e António Torrado a souberam integrar no tesouro da nossa literatura para a infância.

TEMA 3.6. O CONTRIBUTO AFRICANO PARA O FABULÁRIO DE EXPRESSÃO PORTUGUESA, LUCIANO PEREIRA, ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO, INSTITUTO POLITÉCNICO DE SETÚBAL, PORTUGAL

1. Sinopse

Em África, a fábula europeia confrontou-se com um substrato local de tradição oral pujante e vigoroso. A sua transmissão fez-se em línguas indígenas e em crioulos. As suas origens são tão variadas quanto os seus povos e suas mitologias. São famosas as histórias de pequenos animais arditos: a lebre, o sapo, a aranha ou a tartaruga, dependendo da sua região de origem. “Sã Taltalugua e sualei” são algumas das personagens mais familiares de São Tomé e Príncipe. A lebre é seguramente o animal mais ardiloso da costa atlântica do continente africano. Inúmeras são as histórias de astúcia e matreirice desta verdadeira “raposa” africana.

O fabulário africano encontrou no Brasil, e em particular na Baía, um espaço de eleição que lhe permitiu desempenhar uma das suas funções nucleares: a da resistência e a da denúncia social, reforçando a sua dimensão política e revolucionária. Tal como a capoeira, a fábula tornou-se a expressão artística da luta do povo negro, oprimido e escravizado.

Em Portugal a sua receção foi mais modesta. As nossas lendas encerram, é certo, uma viva memória de um povo mouro encantado mas o repertório dos nossos contos tradicionais, tão imbuídos de orientalismos, permaneceu quase indiferente à sabedoria da fábula africana. É sobretudo no século XX que antropólogos e etnólogos a divulgam em recolhas mais ou menos eruditas e que autores como António Torrado a souberam integrar no tesouro da nossa literatura para a infância.

2. Remotas origens

Esopo, seis séculos antes de Cristo é tradicionalmente tido pelo pai da fábula, todavia duzentos anos antes, Sócrates fabulava com intenções pedagógicas ou satíricas. Na Índia permanece a memória de um fictício Pilpai e de um não menos fictício Locman. Cada fabulista, tradutor, intérprete ou criador (Fedro, La Fontaine, Florian, Yriarte, Samaniego, Gellert, Filinto Elísio, Curvo Semedo, Bocage, João Cardoso de Menezes e Sousa...), contribuiu para fixar a ética e a estética do género. Universal por excelência, nenhum povo a desconhece, a sua origem e a sua expansão apaixonaram os sábios, os críticos, os literatos, antropólogos e etnólogos, tal como a fonte do Nilo sempre obcecou geógrafos e aventureiros.

Esta minha comunicação pretende apenas dar singela notícia do contributo africano para o fabulário de expressão portuguesa. Sabemos que já as fábulas esópicas estavam imbuídas de características orientais e africanas e que La Fontaine voltou a valorizá-las, regressando, em particular, às universais e diversificadas lições de Pilpai.

O Império romano procedeu a um primeiro encontro de culturas percorrendo as costas de África. O diálogo intercultural reforçou-se, mais tarde, disseminando-se pelo vasto continente graças à expansão do Islão. O rico imaginário animista permitiu a fusão de mitos, contos e fábulas. O negro, escravo de África, transportará consigo o produto dessas primeiras sincretismos, aculturamentos e miscigenações.

3. Difusão e características da fábula africana

Os primeiros africanos a chegar a Portugal e ao Brasil, no século XV e XVI, pertencem aos grandes grupos culturais sudaneses e bantos. Em primeiro lugar os iorubas, haussás, tapas, mandingas e fulas, em seguida os povos do Congo, de Angola e de Moçambique. A influência muçulmana era antiga e fortemente enraizada no primeiro grupo. Gente berbere ou moura se havia diluído no Senegal e no Sudão Oriental. Gente essa que havia ocupado um vasto espaço entre o Egito e o Atlântico, o

Mediterrâneo e o Níger Mouros esses que, dominados pelos árabes, foram os aliados de Tarik e de Mussa e que disseminaram pela quase a totalidade da Península Ibérica, antes de se retirarem para o litoral africano e de se espalharem pelo centro do continente numa estratégia de sobrevivência. Quem não reconhece no presente conto do povo cabila (Argélia) o conto do lobo e dos três porquinhos:

“O Chacal e os Cordeirinhos”

Uma ovelha teve dois cordeirinhos numa gruta que lhe servia de casa. Todo dia a ovelha ia para o pasto, comia e depois cortava grama e a levava para casa entre os chifres. Quando chegava à gruta, ela batia na porta e dizia:

- O pote entre as pernas (a teta) e o feno entre os chifres!

Essa frase era a senha. Quando os cordeirinhos ouviam-na, sabiam que a mãe estava do lado de fora. E então abriam a porta e a mãe entrava carregando o feno entre os chifres. A ovelha disse muitas vezes a seus filhos:

- Vocês nunca devem abrir a porta para ninguém além de mim. Vocês podem me reconhecer pelo que digo e pela minha voz.

Os jovens cordeirinhos prometeram obedecer.

Certo dia, a ovelha chegou em casa como de costume, com o feixe de feno nos chifres, bateu na porta da gruta e disse:

- O pote entre as pernas e o feno entre os chifres.

Os cordeirinhos abriram a porta. Nas proximidades, escondido atrás de um arbusto, estava um chacal. Ouviu o que a ovelha disse e falou consigo mesmo:

- Puxa, que bela refeição para mim. Vou visitar esses cordeirinhos amanhã.

No dia seguinte, o chacal foi até a gruta, bateu na porta e disse:

- O pote entre as pernas e o feno entre os chifres. (...)

(Frobenius e Fox, 2005, 77)

As fábulas africanas apresentam fortes semelhanças com as fábulas indígenas do continente americano, tal como as brasileiras, enquanto resultado dos contactos entre culturas originais e irredutíveis do ponto de vista das estruturas do imaginário. Do ponto de vista da velha antropologia cultural, estamos perante grupos miscigenados, aculturados e metamórficos. Os processos de criação e de recriação da sua literatura oral são bastante semelhantes. O coelho e a tartaruga de África encontram os seus correspondentes em fábulas ameríndias. Todavia, o fabulário tradicional brasileiro apresenta um grupo significativo de fábulas com origem inequivocamente africana. Luís da Câmara Cascudo apresenta vinte e duas dessas fábulas no Grande Fabulário de Portugal e do Brasil, embora lhes aponte variantes na Europa, na Ásia, e nos distantes mares da Oceânia:

“A fábula que dá ao coelho, ou ao cágado o engenho de conseguir que dois animais fortes (o elefante, rinoceronte, hipopótamo, anta, baleia, urso, gigante), puxem os extremos de uma supondo tê-lo como concorrente, é uma das mais populares em toda a América continental insular, na África ou Oceânia. Gregos e romanos que tiveram o “cabo de guerra” como elemento desportista, não puseram a fabulação animal para exemplo da arteirice matreira. Aparece nos desenhos tumulares do Egito Médio e os berberes teriam sido os seus divulgadores no continente negro porque ainda empregam le jeu de la corde como um rito agrário, provocador de chuvas. É infinitamente menos sabida na Europa embora não ignorada, ocorrendo como um dos elementos hilariantes na festa da “Tarasque” em Tarascon, à margem do Rhône, no sul da França; passou de competição desportiva a divertimento infantil na Península Ibérica, embora com pouca insistência. A fábula é muito mais negra que europeia.” (Cascudo, V. in Grande Fabulário do Brasil:20-21).

Veja-se a seguinte versão congoleza:

“Kabundji, le Buffle et l'Hippopotame

(...)

Kabundji vint se planter devant lui et de sa petite voix l'interpella:

- Bonjour, camarade!

Le gros brouteur baissa vers le flâneur minuscule sa tête aux redoutables cornes et, le regardant de ses grands yeux:

- Tu n'as pas peur de m'accoster ainsi? Que me veux-tu?

- Ah, mon ami! Sois sûr qu'il ne faut pas avoir ta taille pour être fort. Ainsi, moi, je parie que suis aussi solide que toi!

Le buffle, à cette ridicule jactance, partit d'un formidable éclat de rire; ses fanons bavaient, son ventre énorme était tout secoué. Et il mit longtemps à se reprendre.

Mais Kabundji, nullement impressionné:

- Tu ne me crois pas? Eh bien, nous allons tirer à la corde. Celui qui entraînera l'autre sera déclaré vainqueur et aura droit à vingt croissettes.

Le buffle secoua sa grosse tête et répondit:

- Mon pauvre Kabundji, c'est bien dommage. Toi, si mâlin, voilà que ton esprit t'a quitté. Viens avec moi, je connais un sorcier dans ce village proche; il pourra peut-être te rendre la raison.

Mais Kabundji se fâcha:

- Tu vas tirer à la corde avec moi, sinon ce soir même tous les animaux de la plaine et de la forêt sauront que le buffle a reculé devant Kabundji.

Le buffle s'emporta à son tour.

- (Tufi na we!) Espèce d'excrement, s'écia-t-il, je ne sais ce qui m'arrête de te piétiner! Mais tu veux absolument perdre vingt croissettes? Où est la corde? Vite, attache-la moi aux cornes, et quand tu crieras: “J'y suis”, je t'importe à l'autre bout de la savane. As-tu compris? (...) (Haddad, 1984, 240-241)

Na Guiné cabe à lebre essa façanha:

“A Lebre, o Elefante e o Cavalo-marinho”

A lebre não se entendia muito bem com o elefante e o cavalo-marinho e esse desentendimento vinha, ao que parece, de questões de comida: a lebre, mais fraca, ficava sempre mal.

Depois e magicar durante alguns dias, a lebre foi junto ao elefante e disse-lhe:

- Vou fazer-te uma proposta: amarras uma ponta desta corda que aqui trago a uma perna, e eu faço o mesmo com a outra ponta e cada um puxa para o seu lado. Aquele que arrastar o adversário ganhará um monte de milho que aqui está perto.

O elefante aceitou a proposta. A lebre amarrou o elefante com a corda e seguiu com a outra em direção ao rio. Ali encontrou o cavalo-marinho (hipopótamo) a quem fez a mesma proposta que tinha feito ao elefante. O cavalo-marinho aceitou. A lebre passou-lhe a corda e disse-lhe que iria amarrar-se com a outra ponta depois do que começaria a competição.

A lebre desapareceu e o elefante e o cavalo-marinho começaram a puxar, cada um para seu lado. (...)” (Grande Fabulário de Portugal:326-327)

Uma das características das fábulas, tais como as lendas e os contos, é fixar usos, costumes e tradições. As expressões, os provérbios e os ditados populares, mesmo os aparentemente mais regionalistas e locais, são frequentemente heranças universais, memórias de povos que nos visitaram em tempos idos, contributos de terras distantes, ecos de outras formas de pensar e de falar. Tudo o que temos de mais português é profundamente universal:

“Todos nós, brasileiros, conhecemos o ditado de macaco velho não mete a mão na cambuca”, também sabido em Portugal (Pedro Chaves, Rifoneiro Português), e que Couto de Magalhães registou em nhengatu:- macaca tuiué inti omundéo ni pó cuimbúcá. Prender o símio por um cabaço cujo orifício único não permitisse a retirada da mão contendo algum objeto, é tradição imemorial e não a tivemos senão através dos contos nativos. A existência do ditado numa língua indígena é a expressiva demonstração da sua vulgaridade.” (Cascudo, V – Grande Fabulário do Brasil: 21)

Com exceção da tartaruga e da aranha, os protagonistas da maioria das fábulas portuguesas e brasileiras de origem africana são os mamíferos. Todavia, é sempre a inteligência dos mais pequenos, tais como a da lebre, que derrota a força e a brutalidade das feras e das bestas mais colossais.

Luís da Câmara Cascudo identifica, com grande perspicácia, as duas grandes áreas temáticas da aranha: a africana, astuciosa, cruel, pérfida, invencível e sem escrúpulos, irradiando da Costa do Ouro, na atual República do Gana, inspiradora dos Anansiasen (fábulas da aranha); e a compassiva e bondosa que salva o Menino-Deus, nas tradições luso-brasileiras, muçulmanas e sudanesas, sem esquecer a sua presença, atestada por Danhardt, em Natursagem, no meio inóspito da Lapónia.

4. As fábulas afro-brasileiras

As fábulas africanas que encontramos dispersas pelo Brasil, embora com maior concentração no Estado de Salvador da Baía, testemunham da universalidade do pensamento e da mentalidade que alguns consideravam ser legitimamente regional ou originalmente popular. São memórias que viajaram com os escravos e que por eles foram transmitidas até se tornarem património dos indígenas e dos outros povos que fizeram o Brasil. Algumas dessas histórias terão sido eventualmente transmitidas em português, veiculadas pelo português, que as perfilhava segundo a sua pragmática narrativa, pertinência e coerência ambiental.

Mais delicado será defender a origem e a autenticidade exclusivamente africana do conjunto de fábulas que no fabulário de expressão portuguesa conservaram as suas marcas inequivocamente africanas. A cultura helénica formou-se no diálogo entre a Magna Grécia e o vetusto Egito. O Império romano estendeu-se pelo litoral africano, com maiores ou menores permanências e osmose culturais. O português viu o continente africano como um prolongamento natural e estrategicamente vital para a sua sobrevivência. Em África, e por esse mundo fora, ouviu e contou histórias, contribuindo para o reforço e para a compreensão das estruturas antropológicas do imaginário universal. As águas do mediterrâneo foram as primeiras a permitir as trocas, as fusões, as osmose dos sonhos e dos imaginários. Mas foi no século XV que o Atlântico permitiu aos portugueses a redescoberta de velhos contos, mitos e lendas em troca de uma nova cultura universalista e universalizante. A fábula “A Menina e o Quibungo”, popular em todo o Brasil, prolonga a versão algarvia de “O Surrão” divulgada por Teófilo Braga em “Contos tradicionais do Povo português, vol. I, 89-90”:

“Um quibungo, macacão peludo, antropófago, andava rondando as casas durante a noite e por isso os pais aconselhavam aos filhos que não andassem nas horas escuras. Uma criança atendiam e outras não davam importância às advertências. Uma menina tinha o hábito de fugir de casa e visitar os parentes durante as primeiras horas noturnas, embora sua mãe a ameaçasse constantemente com a presença do quibungo. A menina não prestava atenção e continuava andando de noite. Numa dessas ocasiões o quibungo encontrou-a e, pondo-a às costas, saiu correndo. A menina cantou:

*Minha mãezinha,
Quibungo terêê,
Do meu coração,*

Quibungo terêrê,
Acudi-me depressa,
Quibungo terêrê,
Quibungo quer-me comer!

A mãe da menina, zangada pela sua desobediência, respondeu:

Eu bem dizia,
Quibungo terêrê,
Que não andasses de noite,
Quibungo terêrê!...

Debalde a menina cantou pedindo auxílio a todos os de sua casa e vizinhos mas, passando próximo à residência de sua avó, esta ouviu o lamento e quando a menina cantou

Minha avozinha,
Quibungo terêrê!...

A velhinha saiu ao encontro do quibungo, jogou-lhe água quente nas pernas, fazendo o monstro atirar fora a menina que levava. E não escapou de morrer porque a avozinha atravessou-lhe o pescoço com um espeto em brasa. A menina nunca mais andou de noite.” (Grande Fabulário do Brasil:72)

“O Surrão

Era uma vez uma pobre viúva, que tinha só uma filha que nunca saía da sua beira; outras raparigas da vizinhança foram-lhe pedir, que na véspera de São João deixasse ir a sua filha com elas para se banharem no rio. A rapariga foi com o rancho; antes de se meterem no bano, disse-lhe uma amiga:

- Tira os teus brincos e põe-nos em cima de uma pedra, porque te podem cair na água.

Assim fez; quando estavam a brincar na água passou um velho, e vendo os brincos em cima de uma pedra, pegou neles e deitou-os para dentro do surrão.

A rapariga ficou muito aflita quando viu aquilo, e correu atrás do velho, que já ia longe. O velho disse-lhe que entregaria os brincos, contanto que ela os fosse buscar dentro ao surrão. A rapariga foi procurar os brincos, e o velho fechou o surrão com ela dentro, botou-o às costas e foi-se de vez. Quando as outras moças apareceram sem a sua companheira, a pobre viúva lamentou-se sem esperança de tornar a achar a filha. O velho, ao passar a serra, abriu o surrão e disse para a pequena:

- Daqui em diante hás – de – me ajudar a ganhar a vida; eu ando pelas ruas, a pedir, e quando disser:

Canta, surrão;

Senão levas com o bordão...

Tens de cantar por força. Toma tento. (Braga, T., 1999, 89)

A fábula “A Galinha e o Urubu” é a variante brasileira de uma fábula com provável origem entre os Haussas do Sudão segundo Basset:

“A galinha era bem tratada pelo seu dono porque lhe dava um ovo por dia. Tinha milho farto e dormia agasalhada.

O urubu, trepado num galho perto do quintal, falou para a galinha:

- Você é o tipo da sorna, idiota e tola. Vive trabalhando para o homem e quando não lhe entregar um ovo por dia passam a faca na sua garganta e vai para a panela.

- Mas tenho comida à vontade e durmo sossegada.

- Vida de escrava! Melhor é a liberdade de ir para onde quiser, como eu, e dormir escolhendo o canto.

Vai a galinha, de boba, acreditou na amizade do urubu e fugiu de casa. O dono procurou-a muito mas sem resultado.

Achou muito pouco de que comer e à noite foi uma batalha para encontrar recanto para repousar. Finalmente subiu para um arbusto e fechou os olhos.

Lá para as tantas a raposa veio em cima do faro. Enxergou a galinha desprotegida e foi com ela ao papo sem demora.

Ficaram uns restos de ossos que o urubu aproveitou na manhã seguinte.” (Grande Fabulário do Brasil:73)

A fábula “Os olhos da Onça” relembra uma outra ugandesa em que o coelho joga areia aos olhos do corvo, é muito popular entre os indígenas do Brasil e entre os indígenas e negros das Antilhas e norte americanos:

“O coelho estava em luta com a onça, vencendo-a pela astúcia e atrevimento. Furiosa com as vantagens do pequenino adversário, a fera jurou matá-lo no primeiro encontro e de qualquer maneira.

Numa tarde a onça vinha furando mato e quase esbarrou com o coelho que jantava capim verde. Parou, franzindo o focinho numa alegria:

- Até que afinal, camarada coelho, estamos olhando um para o outro! Temos muito que conversar...

la aproximando-se para o salto. O coelho, imóvel, fazendo cara de susto e pavor limitou-se a dizer baixinho:

- Camarada onça! Pode agarrar-me e matar-me mas não me olhe com esses olhos esquisitos! Todo bicho sabe que olho de onça encanta a caça!

Vai a onça, vaidosa, e escancara os olhos faiscantes para ainda mais perturbar o atemorizado inimigo.

O coelho voltando-se num relâmpago meteu as patinhas na areia solta da estrada e sacudi uma nuvem de poeira no focinho da onça.

Enquanto esta, roncando de furor, tentava abrir os olhos, o coelho desapareceu como uma sombra...” (Grande Fabulário do Brasil:76)

Mais cruel é a imagem da coelha que na seguinte fábula, retirada de uma obra para a infância, aparece na sua faceta mais sórdida e desumana:

“A ama-seca

Certa vez a Onça andava procurando uma ama-seca para criar a filhinha. Ofereceu o lugar a uma porção de bichos mas nenhuma queria emprego tão arriscado. Até que um dia veio a Coelha, e aceitou.

- Pois sim, disse a Onça. Entre aí e vá tomar conta da menina.

A Coelha entrou num buraco pequeno, onde estava a Oncinha, e lá ficou.

Todos os dias a Onça trazia comidas gostosas e entregava à Coelha para ela dar à filhinha.

E o tempo foi passando, foi passando até que um dia a Onça pediu à Coelha que lhe mostrasse a filha. A Coelha mostrou. A filhinha da Onça estava tão magra, que todos os

ossos apareciam; e a Coelha estava gorda, que nem podia andar..." (Magalhães, P. R., S. D., 8)

A fábula "A sedução do beija-flor" reflete a fixação humana pela melodia. No imaginário clássico, a música amansa as feras (Orfeu), no imaginário medieval, e em particular de origem celta, a música tem a capacidade de parar o tempo, no imaginário baiano, a música prende toda a família, libertando-a do chicote opressor, lembrando o poder libertador do transe induzido pelos ritmos africanos:

"Preparando uma festa de casamento, uma escrava foi à fonte com um pote buscar água. Lá encontrou um beija-flor cantando:

*Helena, calena
Do papo lundu,
Cajila, muquila,
Zengue, zengue, zengue...
Tuíte!*

A negra deitou o pote no chão e começou a dançar sem se lembrar mais do que viera fazer. Demorando seu regresso, outra escrava foi à sua procura e viu a companheira em pleno samba, cantando para ela:

*Parceira da minha alma,
Venha ver Zizi cantar,
Quindai,
Quindai!*

(...)" (Grande Fabulário do Brasil:82)

5. O fabulário da África lusófona

Foi em meados do século XX que José Osório de Oliveira empreendeu uma primeira coletânea de contos tradicionais da África dita então portuguesa. Já nessa altura se queixava que a matéria estava excessivamente dispersa e que uma grande parte devia ser simplesmente ignorada pela falta de rigor e qualidade das traduções. Manuel Ferreira, também ele, em "o Fabulário do Ultramar Português", inserido no "Grande Fabulário de Portugal" (p.295) lamenta a incúria dos que desperdiçaram a oportunidade de prestar um inestimável serviço à literatura tradicional dos povos com que nos entrelaçamos, deixando de participando assim "num dos contributos mais válidos para a psicologia e condição humana dos povos". Os poucos contos recolhidos em português

nos territórios do ex-ultramar não nos permitem então qualquer tipo de reflexão sobre a condição humana dos seus povos. Nas diferentes coletâneas, lá vamos reconhecendo alguns pontos de contacto com o fabulário português. Para lá da diversidade das narrativas, vislumbram-se as mesmas intencionalidades, os mesmos significados, as mesmas morais e os mesmos valores humanistas. Nos contos da Guiné topamos, a todo o momento, com a hiena (o lobo) matreira, desgraçada, safada, arrogante, fanfarrona, quezilenta, estrategicamente submissa, mas sempre vencida por mais astuciosos, mais arditos, mais espertos, mais humildes. "Assim como, de igual modo, é vulgar a astúcia ou o engenho escaparem à bruteza. Ou, frente ao perigo comum, a solidariedade dos fracos opor-se ou esquivar-se à prepotência dos poderosos. A lebre fina, carregada de esperteza, a ingénua cabrinha, tudo isto são pontos de contacto com o fabulário lusitano, interpretando ou simbolizando, ao cabo, virtudes, defeitos, sentimentos do homem universal." (Manuel Ferreira in Grande Fabulário de Portugal:303)

5.1. As fábulas de Cabo Verde e da Guiné

A mestiçagem das ilhas levou à formação dos crioulos de base portuguesa mas também levou à formação de um imaginário híbrido que ora ostenta elementos tipicamente europeus, e portugueses em particular, ora ostenta elementos tipicamente africanos, com predominância para as ricas tradições guineenses. A um bestiário tipicamente cabo-verdiano (chibinho, galinha, bezerro, garça, coruja, baleia, gato, coelho, cavalo...) junta-se outro, oriundo do continente africano (elefante, peixe-cavalo ou hipopótamo). O lobo, inexistente no arquipélago, ora apresenta características portuguesas, ora evidencia traços guineenses (hiena). Enquanto na Guiné o lobo não passa de um safado, comilão e charlatão, em Cabo Verde, embora mentiroso, lambareiro, manhoso, quezilento, não deixa de por isso ser um elemento de valorização humana e tornar-se um artista, refinado tocador de violão:

"E vai a tal ponto essa humanização que de uma vez Ti lobo é enganado por ser um grande amante de música. Para ouvir cantar a galinha, que o enfeitiçara com a sua voz melodiosa, soltou-a da gaiola onde a tinha a engordar, deixando que ela se pisesse para nunca mais. Aliás, todas as páginas principalmente deste ciclo, estão recheadas de bailes, de música, de danças, de folias, violas, pândegas e farras, a dar-nos vivências de

um povo bom, despreocupado e folião, resistindo às secas e às fomes tradicionais, sem que sobre elas encontremos referências significativas.”
(Grande Fabulário de Portugal:332)

Recolhidas, na sua maior parte, num dialeto crioulo, pertencente à mesma base do grupo dialetológico de Cabo Verde donde foi transplantado e, em menor parte, diretamente recolhido nas línguas autóctones da Guiné; contrariamente às fábulas portuguesas, as fábulas guineenses prolongam-se bastante, ricas em facécias, apresentando diversas origens; revelam um povo sedentário, dedicado à arte e à poesia; afirmam-se como verdadeiros bálsamos para as feridas provocadas pela luta pela sobrevivência. Grande parte delas, independentemente das morais e dos valores que transmitem, apresenta um epílogo que justifica certos usos e costumes do reino animal. Em “O mocho, o macaquinho do nariz branco e o Corvo”, o corvo descobre a falsidade dos cornos do mocho que a partir dessa data torna-se inseguro, refugiando-se para todo o sempre na floresta, permitindo-se apenas breves saídas noturnas. Em “A Tartaruga e a Carapaça”, ficamos a saber a razão pela qual a tartaruga possui uma carapaça:

“Conta-se que, certa vez, uma tartaruga andava perdida pela floresta onde havia muitas palmeiras, à procura do litoral. Por acaso, foi ter a uma clareira, escondida no mato, onde os «cabaros» se encontravam a pagar grandeza, sofrendo com submissão as vergastadas sem conto dadas pelos poderosos.

A presença da tartaruga num local só destinado a determinadas classes, causou o descontentamento e o ódio dos tiranos que resolveram sujeitar o animal à dura prova. A tartaruga, que até àquele momento vivera sem carapaça sentiu calafrios por não ter defesa. O mesmo não aconteceu com os «cabaros», que cobriam a cabeça com chapéus de palha, feitos de fibra resistentes, e defendiam o corpo com os braços envolvidos em mangas de toros de bambu

Em tal situação, a tartaruga teve a feliz ideia de se defender com um grande tacho de tagarra que lhe estava à mão, cobrindo as costas com ele enquanto fugia e se lançava ao mar.

Daí em diante a tartaruga passou sempre a usar carapaça e de vez em quando põe a cabeça de fora da água, antes de saltar para terra, a ver se topa no litoral aqueles grandes que a sovaram e perseguiram até ao mar.” (Grande fabulário de Portugal:305)

Algumas parecem apresentar aspetos comuns a todas as literaturas tradicionais de expressão oral, segundo o princípio das estruturas antropológicas do imaginário (G. Durand). Já Henry Junod observava que existia uma “semelhança na mentalidade das diversas raças durante a fase primitiva do seu desenvolvimento, sendo todas (as

histórias) inventadas ao mesmo tempo, independentemente uma das outras.” A fábula da Raposa de Consiglieri Pedroso (1985,197) apresenta fortíssimas semelhanças com a de “O homem e o lagarto” apresentada por A. Gomes Pereira. Todavia, a presença do hipopótamo, inexistente nos rios portugueses, e do cipó (de indubitável origem brasileira) convida-nos a concluir que a sua origem é seguramente tropical e muito provavelmente guineense:

“Em tempos que já lá vão, um homem encontrou um velho lagarto deitado na margem de um rio. O lagarto pediu ao homem que o levasse à água, porque se sentia bastante velho e sem forças para se deslocar por si próprio.

O homem quis prestar auxílio ao pobre lagarto, mas como não pode carregar às costas um bicho tão grande, resolveu amarrá-lo com uma corda e arrastá-lo até chegar à água. Quando chegaram ao meio do rio, o lagarto pediu ao homem que o desamarrasse e logo pegou por um pé, dizendo que o ia comer, porque o homem ensinava ao mundo que a bondade deve ser paga com o mal. (...)”
(Grande Fabulário de Portugal:328)

Recentemente Pereira-Müller, M. M. (1998:21-22) incluiu uma versão da fábula em “Os contos da Lusofonia na coleção juvenil de Os mais belos contos tradicionais editados pela Editora Civilização:

“O Julgamento do Coelho (Conto Guineense)

Um dia um crocodilo foi dar um passeio mas perdeu-se. Encontrou uma menina a quem perguntou qual era o caminho para o rio.

- Não confio em ti – respondeu-lhe a menina.

- Eu não te vou comer. Se não acreditas em mim, ata-me os pés e as mãos.

A menina assim fez e levou o crocodilo à cabeça até ao rio. Quando lá chegou, desatou-o, mas mal a menina virou as costas para se ir embora, o crocodilo saltou para cima dela.

- O que é que queres agora? – Perguntou-lhe a menina admirada.

- Agora vou comer-te – retorquiu o crocodilo.

- Espera um pouco – pediu a menina. – Deixa-me ir chamar o coelho para ele ser testemunha da tua ingratidão.

Assim que o coelho ouviu o que se tinha passado, ficou para vida não ter.

- Tu foste muito corajosa! Como é que conseguiste levar o crocodilo até ao rio?

- Foi fácil – respondeu a menina. – Atei-lhe os pés e as mãos.

- Não acredito! Mostra-me lá como foi.

A menina pegou na corda e prendeu novamente os pés e as mãos ao crocodilo.

- E depois, como fizeste? – Quis ainda saber o coelho.

- Também foi fácil. Pu-lo à cabeça – respondeu a menina, pondo o crocodilo de novo à cabeça.

- Ouve lá – perguntou-lhe o coelho. – Os teus pais não gostam de carne de crocodilo?

- Gostam até muito.

- Pois bem, leva-lhes o crocodilo para que eles façam uma boa refeição. É o que merece quem não sabe ser agradecido.”

5.2. As fábulas de São Tomé, de Angola e de Moçambique

Apesar de algumas afinidades ao nível da formação social, São Tomé e Cabo Verde apresentam poucas e discretas semelhanças culturais. Para além das muitas histórias da carochinha legadas pelo nosso romancista já assinaladas, em 1895, por Almada Negreiros em História Etnográfica da Ilha de São Tomé, a protagonista, por excelência, do fabulário santomense é a mesma “raposa” matreira que diverte universalmente todos os povos, aqui revestindo a aparência de uma tartaruga, lembrando para a maior parte as características do vagaroso cágado angolano. As histórias de “Sã Taltalugua e sua lei” constituem certamente o núcleo fabulístico de São Tomé que o terá herdado do continente africano, tal como o indicia a seguinte fábula queniana:

“ Há muito tempo atrás, em África, vivia uma velha tartaruga que tinha um sonho muito estranho e maravilhoso sobre uma árvore mágica que dava todos os frutos da terra. Ela contou o sonho aos seus amigos e partiram todos em busca do local secreto onde se encontrava a árvore. A Tartaruga ia à frente, seguia-se o Leão, depois o Hipopótamo, por toda a parte até que um dia chegaram ao local secreto onde a árvore crescia. Era a visão mais linda que os animais já tinham tido, uma árvore com todos os frutos da terra. A Tartaruga disse uma palavra mágica para que os frutos caíssem e os animais comeram tanto quanto conseguiram.

Quando estavam prestes a voltar para casa, a Tartaruga declarou:

- Cada um de nós tem de levar uma semente diferente e plantá-la na terra para que árvores de fruto de todas as variedades cresçam por todo o mundo.

E foi exatamente isso que os animais fizeram.” (Adler, N. 2002, 56-57)

As fábulas angolanas foram transmitidas nas suas línguas aborígenes, apresentam características específicas das suas diferentes culturas e uma fauna diversificada à imagem da diversidade geográfica angolana. Sobressaem a filosofia e a lentidão do insignificante cágado; a esperteza, a manhosice e a sabedoria vivencial da irrequieta lebre e, não nos esqueçamos, da prepotência, da força e do poder do leão, rei dos animais que, por regra, são iludidos pela inteligência e pelas artes das mais vulneráveis e insignificantes criaturas:

“O Leão e a Lebre

Um leão encontrou uma lebre e quis comê-la

A lebre aflita disse-lhe:

- Não me comas porque sou pequena e mostrar-te-ei um lugar onde te podes encher de carne.

Então a lebre, depois de ter concordado, prendeu uma corda ao pescoço e seguiram em busca do local. Chegados lá encontraram algumas palancas que admiradas vieram ver o bicho que acompanhava a lebre, perguntando como se chamava.

A lebre disse-lhes que se juntassem muitas para poder divulgar o nome. As palancas obedeceram e enviaram portadores a determinar o ajuntamento. Nessa altura a lebre disse para o leão:

- Vês o que te proporcionei para te poderes satisfazer? Se me tivesses comido, pequena como sou, não te fartavas.”

(Grande Fabulário de Portugal:378)

Também em Moçambique o leão é símbolo de prepotência e o cágado incarna a inteligência, a esperteza e a sabedoria. Em “O Cágado e a Gazela” todos os cágados se confundem uns com os outros para lograr a gazela, afirmando, deste modo, o poder mítico conferido pela capacidade de pertencer, tais como os homens, tanto à esfera do coletivo quanto à do mundo individual:

“Um cágado foi ter com uma gazela para apostar a ver qual corria mais. A gazela, espantada, disse que estava pronta para a aposta e combinaram logo ali o dia da corrida, que ficou para daí a quinze dias, e o sítio onde se haviam de encontrar.

O cágado foi para casa e chamou todos os cágados, irmãos e patrícios. Contou a aposta e combinou com os cágados para se porem na estrada à distância de um quilómetro uns dos outros.

Chegou o dia marcado. O cágado foi ter com a gazela para lhe lembrar que era aquele o dia da corrida e combinaram o sítio em que deviam de parar. Começaram a correr. A gazela no fim de um quilómetro chamou um amigo cágado e perguntou-lhe:

- Então vens ou não vens?

O cágado que estava parado naquele ponto respondeu:

- Vai andando, vai andando que eu já te apanho.

E assim por diante. A gazela em todos os quilómetros, quando perguntava pelo amigo, recebia a mesma resposta. Até que por fim já não pôde mais, e disse ao cágado.

- Não posso correr mais. Tenho de considerar a você como um «homem» de respeito.

E foi assim que o espertalhão do cágado ganhou.” (Grande Fabulário de Portugal:400)

O coelho é outro dos mestres dos engenhos e das artes de ludibriar as restantes animálias. Não tem nem a dignidade, nem a nobreza do cágado, “*Ladino como a Raposa, é certo, mas, em momentos de apuro capaz de lançar mão de expedientes*

pouco próprios de um cidadão que se preza: choraminga, lamenta-se, implora clemência, para, apenas se ver livre de apertos, se lançar em nova partida.” (Idem, 387):

“A partida do coelho

O coelho e o macaco eram muito amigos. Ora o macaco tinha uma noiva que o outro, em segredo, cobiçava. O coelho pensou em romper com aquele noivado. Começou a visitar as irmãs da noiva, na ausência do amigo, e procurava diminuí-lo aos olhos delas.

- A vossa irmã está muito enganada. Ela julga que vai casar com uma pessoa importante, mas está muito iludida! O macaco é o meu burro.

As irmãs preveniram logo a noiva, mas ela como gostava muito do macaco, não lhes deu ouvidos.

Chegou o dia do casamento e o macaco foi buscar o amigo para o acompanhar à festa. O coelho tinha trepado a uma árvore, e ao ver o macaco, deixou-se cair.

Levantou-se a cambalear, queixando-se de dores temíveis nas costas. Mal podia mover-se.

-Ai, ai que me matei! Acode-me!

O macaco, muito aflito, não sabia o que fazer e tentou animá-lo.

- Ai, que não posso andar! – Gemia o coelho. – Vai-te embora se não chegas atrasado.

Mas o macaco não queria que o seu grande amigo deixasse de assistir ao casamento, e não arredava pé.

Por fim, o coelho concordou em ir mesmo assim, mas como não podia andar pediu que o levasse às costas.

- Está bem – disse o macaco. – Não me importo de te levar. Mas, quando chegarmos à povoação, desces e vais aquele bocadinho, amparado a mim, mas pelo teu pé. O que diriam os meus sogros se me vissem chegar contigo escarranchado às costas?

Lá foram.

A meio do caminho, passaram por uma cantina e o coelho então pediu que o deixasse ir comprar remédios pois estava a sentir-se muito mal. Entrou na loja e comprou um cavalo-marinho. Escarranchou-se outra vez no macaco e continuaram a jornada. À entrada da povoação, o coelho rapa do chicote e dá tamanha chibatada no macaco que ele cego pela dor, desatou a correr e enfiou pela palhota da noiva. Ao verem-se chegar naquela figura, todos se convenceram que o macaco era de facto o burro do coelho. A noiva ficou furiosa que desmanchou o casamento e o macaco, envergonhado, fugiu muito depressa para o mato e nunca mais apareceu.”

6. O fabulário de origem africana na literatura para a infância de expressão portuguesa

Ao longo deste trabalho fomos fazendo abundantes referências as incursões do fabulário africano nas literaturas para a infância de expressão portuguesa. Terminamos recordando que o próprio Bocage, embora tendo-se inspirado sobretudo em La Fontaine, teve uma preferência pelas fábulas que encenavam bichos africanos (“O Macaco

declamando”, “Os dois Burros e o Mono”, “O leão velho”, “O elefante e o Burro”, “O leão vencido pelo homem”).

Os nossos contos tradicionais adaptados para a infância deram, por sua vez, um espaço muito especial ao divertido macaco, arremedo do próprio homem, tanto no Brasil quanto em Portugal:

“Era uma vez um macaco com uma grande cauda. Julgava-se muito lindo, fazia a barba todos os dias, vestia-se todo janota, punha o chapéu alto, pegava na bengala, acendia o charuto, e assim ia para a rua passear e conversar um pouco para as lojas.

Os rapazes faziam-lhe grande surriada, atirando-lhe com pedras, e dizendo-lhe:

- Se não fosse o rabo, era bem lindinho aquele macaco, mas assim, que feio que ele é!

Um dia, estando o barbeiro a fazer-lhe a barba, disse-lhe o macaco:

- Ó mestre barbeiro, você corta-me o rabo?

- Pois não! Ora essa! Tudo o que o senhor quiser.

Com o rabo cortado, foi então o macaco todo alegre para a rua, mas esperava-o um grande dissabor, porque os rapazes, mal que o viram, ainda lhe fizeram maior surriada, dizendo:

- Olha que tolo que o macaco é! Para ser bonito cortou o rabo, é afinal está na mesma, ou ainda mais feio ainda.

- Que desgraçado que sou! – Dizia ele. Para que mandei eu cortar o meu pobre rabo, se fiquei na mesma?

E assim triste e zangado foi a casa do barbeiro e diz-lhe

- Ó mestre, venho aqui para que você me dê o meu rabo e mo pegue.

- Como queres que eu to dê, se os gatos o comeram?” (Oferecida por D. Ana de Castro Osório. Vasconcellos, J. Leite de, 1963, 89).

José Leite de Vasconcellos (1963, 92) refere uma variante Lisboaeta, recolhida por A. Tomás de Pires, em que as crianças da rua perseguem o mono massacrando-o com os seguintes versos: “Larga o rabo que não é teu, é do filho do judeu (...) Do meu rabo fiz navalha,/Da navalha fiz sardinha,/Da sardinha fiz farinha,/Da farinha fiz menina,/ Da menina fiz viola:/Furru-m-fum-fum,/Que eu vou pra Angola.

“Macaco Simão havia chegado da África. Por falta de dinheiro, viera escondido no porão do navio. Quando desembarcou, estava sujo e com a barba muito crescida. Lavou-se como pôde e entrou na primeira barbearia que encontrou. Fez a barba, bem feitinha, pôs pó de arroz, água de cheiro, e disse ao dono da barbearia que não tinha dinheiro para pagar a despesa, mas que podia deixar o rabo, como garantia.

No dia seguinte, Simão arranhou emprego. Pediu dinheiro emprestado ao patrão e foi buscar o rabo. O barbeiro pediu muitas desculpas por não poder ser muito feio e assustar os fregueses, fora atirado à lata do lixo.

Macaco Simão deu ao barbeiro o dinheiro que lhe devia e exigiu uma navalha como compensação. O barbeiro aceitou a proposta...” (Magalhães, P., R. de, s.d., 44).

própria natureza, polida com a luz do Sol e da Lua, que com os seus brilhantes reflexos, lhes dão o esplendor e a vida! (...)” (Constança, A., 1948)

Algumas obras fazem questão em não deixar esquecer as características intrínsecas de cada ser, afirmando um estranho determinismo, embora com ligeiras variantes, veja-se “A rã e o escorpião” e “O Gato e o Rato” (Conto Moçambicano):

“Um escorpião precisava de atravessar um rio, por isso pediu a uma rã que o levasse às costas até à outra margem.

- Nem pensar! – respondeu a rã. – Conheço-te bem e sei que, se te levasse, me picavas para me matar.

- Mas nesse caso eu morreria afogado – respondeu o escorpião.

Então, a rã aceitou transportá-lo. Porém, quando estavam a meio do caminho, o escorpião picou-a com o seu veneno mortal.

- Que fizeste? – gritou a rã. – Agora tu também morrerás.

Não pude evitá-lo – disse o escorpião. – É assim a minha natureza.” (Fábulas do Mundo:5)

“Era uma vez um gato que era amigo dum rato. Um dia, decidiram fazer uma viagem até ao lago Tanganica. Quando lá chegaram, o gato exclamou admirado:

- Tanta água! Como é que vamos conseguir atravessar o lago?

- Não te preocupe – sossegou-o o rato. – Podemos construir um barco.

- Mas como?

- É fácil. Vês além aquelas mandiocas? As raízes são ótimas para os barcos.

Construíram um barco numa raiz de mandioca. Quando ficou pronto, empurraram-no para a água e saltaram para dentro. A dada altura, sentiram fome.

- Tenho tanta fome – queixou-se o gato. – O que havemos de comer?

- Não te preocupes. O próprio barco vai alimentar-nos – respondeu o rato... (Pereira-Müller, M. M. 1998, 19-20)

Para terminar esta incursão pela literatura para a infância, gostaríamos de relembrar o coelho Kálulu que encantou a geração dos anos 50 e 60 e as criações de António Torrado:

“Aventuras do Coelho Kálulu

Por detrás do Mundo, longe muito longe daqui, estende-se uma região para todos desconhecida: Lagos de água azul, choupos prateados, loiros em flor, formam uma paisagem encantadora. E no meio dum terreiro, como que se quisesse abraçar toda a sua beleza, existe um carvalho enorme, ladeado de pedras ao alto, brancas como a prata e que ali estão alerta, transformadas em airosas sentinelas! É aí que vive o «Coelho Kálulu».

Tudo o que os nossos olhos avistam é maravilhoso, como são extraordinários os animais que aí vivem. E assim vão passar diante de nós, uns janotas, com requinte, outros no seu aspeto guerreiro. Vão de braço dado com todas as épocas, vão de braço dado com todas as eras. A indumentária que usam, é vistosa, garrida, colorida, dada pela

Em 2004, António Torrado tornou a versão comercial de um conjunto de fábulas que já havia inserido num Boletim Cultural da Fundação Calouste Gulbenkian (1996) e que se revestem de um imenso interesse por se afirmarem como algumas das nossas fábulas contemporâneas para a infância mais originais, embora espelhem diversas origens e mitologias, com destaque para as brasileiras e africanas: “O leão estava cansado. Não que se sentisse velho, mas isto de correr mato atrás de uma gazela, que capricha em não se deixar apanhar, puxa muito pelo corpo e acrescenta mais fome a que já se trazia. Sobre tudo se a gazela ficar a perder de vista...” (Inspirado de uma fábula guineense) (Torrado, A., 2004, 12)

Bibliografia

ADLER, Naomi (2002) Contos de Animais, Lisboa: Livros Horizonte.

ALMEIDA, de Vieira; CASCUDO, Luís da Câmara (1961) Grande Fabulário de Portugal, Lisboa: Fólio.

ALMEIDA, de Vieira; CASCUDO, Luís da Câmara (1962) Grande Fabulário do Brasil, Lisboa: Fólio.

ARDAGH, Philip (1999) Mitos e Lendas de Africanas, Lisboa: Círculo dos Leitores e Editorial Estampa.

BRAGA, Teófilo (1999) Contos Tradicionais do Povo Português, Lisboa: Publicações Dom Quixote vol. I.

BOCAGE (2000) Fábulas de Bocage, Setúbal: Centro de Estudos Bocageanos.

CONSTANÇA, Aurora (1948) Aventuras do Coelho Kálulu, Lisboa: Litografia de Portugal.

FÁBULAS DO MUNDO – exóticas, europeias, orientais, universais (2002) Lisboa: Editorial Estampa.

FROBENIUS, Leo; FOX, C. Douglas (2005) A Génese Africana – contos, mitos e lendas da África. Brasil: Landy Editora.

HADDAD, Adnan (1984) Fables de La Fontaine d'origine orientale, Paris: Sedes.

MAGALHÃES, Paulo Ribeiro de (s.d.) Histórias da Mata-Virgem, São Paulo: Edições Melhoramentos.

OS NEGROS EM PORTUGAL (1999) sécs. XV-XIX, Lisboa: Comissão Nacional para as comemorações dos Descobrimentos Portugueses.

PEDROSO, Consiglieri (1985) Contos Populares Portugueses, Lisboa: Veja.

PEREIRA, Luciano (2005) A fábula, um género alegórico de proverbial sabedoria – forma breve - Revista de Literatura. Universidade de Aveiro.

PEREIRA, Luciano (2007) A Fábula em Portugal – Contributos para a história e caracterização da fábula literária, Porto: Profedições.

PEREIRA-MÜLLER, M. Margarida (1998) Os mais belos contos tradicionais, Barcelos: Civilização,
 TINHORÃO, José Ramos (1988) Os Negros em Portugal, Lisboa: Caminho.
 TORRADO, António (2004) Fábulas Fabulosas, Porto: Civilização.
 VALE, Fernando (2001) Contos Tradicionais dos Países Lusófonos, Lisboa: Instituto Piaget.
 VALE, Fernando (2004) Histórias Portugueses e angolanas para as Crianças, Lisboa: Instituto Piaget.
 VASCONCELLOS, J. Leite de (1963) Contos Populares e Lendas, Coimbra: Universidade vol. I.

25) **LUÍS GAIVÃO, MESTRE EM LUSOFONIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS – UNIVERSIDADE LUSÓFONA DE HUMANIDADES E TECNOLOGIAS LISBOA, PORTUGAL**

LUÍS MASCARENHAS GAIVÃO é Mestre em Lusofonia e Relações Internacionais.

Dissertação: *CPLP: a Cultura como Principal Fator de Coesão*. ULHT, Lisboa 02 de julho de 2010.

Formador da Bolsa de Formadores do ACIDI (Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural).

Adido Cultural nas Embaixadas de Luxemburgo, Bruxelas e Luanda. Abriu o Centro Cultural Português de Luanda (1996) de que foi Diretor até 2001, ano em que foi transferido para o Luxemburgo, onde também foi Diretor do Centro Cultural Português, até 2006.

Produziu centenas de eventos culturais em todas as áreas da cultura: belas-artes, música portuguesa clássica e ligeira, literatura portuguesa, história, filosofia, poesia, pedagogia, gastronomia, didática, e ações nas áreas das bibliotecas, do teatro, da dança, da moda, do folclore, etc.



Colaborou com entidades culturais internacionais: Luxemburgo, França, Espanha, Bélgica, Catalunha, Hungria, Brasil, Cabo Verde, Angola, RD Congo, Alemanha Federal, Cuba, Madagáscar, Reino Unido, etc.

Participou em congressos em representação de Portugal e em nome pessoal, nas áreas da cultura, da educação e da língua portuguesa.

Foi em 1995, cooperante na área da Educação de Adultos, em Cabo Verde.

Professor de origem, foi Assessor do Secretário de Estado da Reforma Educativa, em 1990-91 (Pedro d'Orey da Cunha, sendo Ministro Roberto Carneiro), e Presidente do Conselho Diretivo.

Tem várias obras publicadas, nos campos literário e científico, e é autor de textos de especialidade cultural e da língua portuguesa.

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL.

TEMA 3.5. CULTURAS LUSÓFONAS E INTERCULTURALIDADE.
LUÍS MASCARENHAS GAIVÃO, MESTRE EM LUSOFONIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS PELA ULHT (LISBOA)

A expansão portuguesa iniciou no século XV uma globalização pelo encontro de culturas, de trocas comerciais e por diversas formas de exercício do poder político e religioso, numa colonização temperada pela interculturalidade mais do que por formas de colonialismo puro e duro, na exploração do Outro.